

A ESCOLA E O PROJETO DE VIDA DA JUVENTUDE

School and youth life project

Amanda Felix da Silva¹
1. amanda.hillton@hotmail.com

Resumo

Este trabalho objetiva analisar a relação que os jovens do Ensino Médio estabelecem entre a Escola Pública e a construção de seus Projetos de Vida. Além disso, a referida pesquisa objetiva em sua especificidade: Identificar quais os projetos de vida dos jovens; Apreender como os Jovens percebem a Escola Pública na construção de seus projetos de vida; Caracterizar quais as práticas escolares realizadas pela Escola influenciam na construção dos projetos de vida dos jovens do Ensino Médio. A pesquisa é uma abordagem qualitativa, a metodologia utilizada para obtenção dos resultados consiste de entrevistas semiestruturadas com jovens matriculados no ensino médio da cidade do Paulista/PE. A pesquisa possibilita reflexões sobre a Escola Pública propondo pensar numa educação que faça sentido para seus estudantes no presente. Concluímos que a escola contribui na construção de projetos de vida dos jovens estudantes para algo posterior ao ensino médio, como a entrada no mercado de trabalho e/ou continuação dos estudos.

Palavras-chaves: Juventude, Escola, Projeto de Vida

Abstract

This work aims to analyze the relationship that young people of high school established between the Public School and the construction of their life projects. Furthermore, the said objective research in its specificity: Identify the projects of young people's lives; To learn how young people perceive the Public School in the construction of their life projects; Which characterize school practices carried out by the School influence in the construction of life projects of young high school students. The research is a qualitative approach, the methodology used to obtain the results consists of semi-structured interviews with young people enrolled in high school in the city of Paulista / PE. The research enables reflections on the Public School proposing think of education that makes sense for their students at present. We conclude that the school contributes to the construction of life projects of young students for something post-secondary education as the entry into the labor market and / or further study.

Keywords: Youth, School Life Project

Introdução

As discussões sobre a juventude no Brasil são recentes, especificamente a partir da década de 90, que em vastas áreas do conhecimento, seja nos aspectos social, histórico e cultural provocou inquietação por parte de muitos pesquisadores, inclusive no campo educacional. Contudo, investigar, analisar e conhecer a juventude perpassa por diversos constituintes sociais, como: a família, escola, trabalho e espaços culturais, as quais compartilham do processo da formação da identidade juvenil. De acordo com Pais (1990, p.146):

A juventude, quando aparece referida a uma fase da vida, é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo.

Dessa forma, os jovens constituem suas identidades em determinado tempo-espaço de cada grupo e classe social ao qual estão vinculados.

Essa fase juvenil caracterizada pela idade ou definida pelo pertencimento de uma construção social, como afirma Pais (1990), não é estática, pois acompanha as mudanças sociais que são capazes de determinar a condição de ser jovem, sejam elas: políticas, econômicas e ideológicas. As obrigações da vida adulta podem ser antecipadas de acordo com a realidade vivenciada pelo jovem, o que o impede do percurso livre de se preparar para as responsabilidades posteriores como, por exemplo, o mercado de trabalho. O período da juventude, portanto, é uma fase de preparação para a vida adulta, é o momento de conhecer a si mesmo, de explorar novas concepções de vida, de descobrir as várias possibilidades do que se quer planejar para o futuro. Deste modo, ser jovem não significa apenas perceber a distância entre o presente e o futuro, como uma ponte a ser atravessada pela idade juvenil até a idade adulta, mas na ação no presente em função do futuro. Ou seja, na elaboração de seu projeto de vida em busca de concretizá-lo.

No percurso da produção do projeto de vida do jovem ocorrerão transformações sociais que influenciarão a constituição do sujeito, pois de acordo com Leccardi (2003, p.36) “projetando que coisa se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, quem se será”. Ou melhor, o projeto de vida não é apenas o que se planejou para o futuro, mas a revelação da afirmação da identidade e da própria realidade, visto que se o projeto de vida passa por várias alterações, significa que não seguiu uma lógica linear preliminarmente construída. Desse modo, as condições reais do cotidiano da juventude, os espaços que são frequentados por eles, as figuras simbólicas que os representam e os inspiram, influenciam em suas decisões e escolhas que servem para a elaboração de seus projetos de vida, como também determina o adiamento ou não de sua concretização.

Destacamos a Escola como um dos lugares frequentados pelos jovens, pois ela é considerada o espaço responsável capaz de exercer uma função norteadora, ajudando-os a reconhecer em si mesmos competências e habilidades que os guiarão para a construção de seus projetos de vida, enquanto futuros cidadãos e trabalhadores. Neste sentido, concordamos com Libâneo (1990, p. 22) quando afirma que cabe à escola “tarefas de assegurar aos alunos um sólido domínio de conhecimentos e habilidades, o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensamento independente, crítico e criativo”. A escola, portanto, é responsável em promover através de suas práticas uma formação humana que atenda às exigências da sociedade. São essas exigências transformadas em ações educativas que norteiam as práticas escolares, que pretendem alcançar os ideários sociais vigente, sejam eles políticos, econômicos e ideológicos.

Contudo, a função da escola em suas práticas é capaz de não ser vista apenas como reprodutora de diplomas para algo posterior, seja para o mercado de trabalho, curso superior ou curso tecnológico, mas garantir uma formação que auxilie aos jovens estudantes no desenvolvimento dos valores que desejam construir e no que pretendem ser.

Entretanto, o que se observa na Escola Pública é um distanciamento do mundo juvenil. Como afirma Dayrell (2005, p.37): “A escola pouco conhece o jovem que a frequenta, a sua visão de mundo, os seus desejos, o que faz fora da escola”. Essa afirmação nos revela o mau relacionamento que os jovens estudantes vivenciam na escola, o que nos mostra cada vez mais a perda do interesse deles de frequentar o espaço escolar, já que para eles o interessante está mais próximo do seu cotidiano. Portanto, esse mau relacionamento parece dificultar o processo do ensino-aprendizagem no cotidiano escolar.

Diante disso, esta investigação pretende analisar a relação que os jovens do Ensino Médio estabelecem entre a Escola Pública e a construção de seus Projetos de Vida. Espera-se com este estudo contribuir para o aprofundamento da temática escola x juventude, assim como fornecer subsídios para melhoria da qualidade do ensino das Escolas Públicas, na medida em que ela valorize o público que a frequenta: jovens das camadas populares.

Juventudes e concepções sobre Projeto de Vida

O conceito de juventude é variável. São considerados jovens os que estão na faixa etária de 15 aos 29 anos, de acordo com o estabelecido pelo Estatuto da Juventude (2004). Já de acordo com o Projeto de Emenda Constitucional (PEC) da Juventude aprovada pelo congresso em Setembro de 2010, é considerado jovem no Brasil quem compreende a idade entre 13 e 29 anos.

De acordo com o sociólogo José Machado Pais (1990) o conceito de juventude apresenta-se em duas dimensões, numa delas a Juventude é definida como um conjunto social que pertence a uma cultura juvenil, a qual é classificada pela faixa etária, tornando-se uniforme e homogênea. Noutra dimensão, ela se apresenta como um conjunto social, que entre seus aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos é diversificada e heterogênea. Ou seja, a juventude não se define somente pela faixa etária que significa ser apenas a expressão de um desenvolvimento cronológico biológico do ser humano, uma fase da vida, mas devem-se considerar determinantes sociais que definem e constituem o que é ser jovem em determinada época e contexto. Como nos alertam Carrano e Dayrell (2014), a juventude é uma categoria socialmente construída. Já para Margulis e Urresti (1970, p. 04):

Ser joven, por lo tanto, no depende sólo de la edad como característica biológica, como condición del cuerpo. Tampoco depende solamente del sector social a que se pertenece, con la consiguiente posibilidad de acceder de manera diferencial a una moratoria, a una condición de privilegio. Hay que considerar también el hecho generacional: la circunstancia cultural que emana de ser socializado con códigos diferentes, de incorporar nuevos modos de percibir y de apreciar, de ser competente en nuevos hábitos y destrezas, elementos que distancian a los recién llegados del mundo de las generaciones más antiguas.

Como já mencionado, é necessário para entender a juventude, considerar, que o social, o econômico e o cultural influenciam em muitos modos de ser jovem. Ou seja, existem grupos juvenis com identidades, gênero, etnia, culturas, gostos musicais, estilos, sonhos, desejos, projetos, classe sociais diferentes, o que determina a existência de “Juventudes” e não, “A juventude”. Como destaca Garcia (2014, p. 60):

Juventude, no singular, expressa uma condição geracional ou populacional; no plural, Juventudes, situam-se os sujeitos em face da heterogeneidade de classe, gênero, cor, credo enfim, da diversidade de condições em que os jovens produzem suas identidades.

A fase juvenil é um período de construção crucial para o futuro adulto, é a busca da identidade, planejamentos, sonhos, realizações que influenciam na formação do cidadão futuro e presente. Constrói-se uma interpretação que a juventude desfruta de tempo livre, sem uma maior responsabilidade com o trabalho, família, contas para pagar e outros compromissos que um adulto possui. Mas essa fase da vida é a busca por espaços para reflexão sobre seus desejos e projetos.

Esse tempo livre sem responsabilidades é definido por Margulis e Urresti (1970) como uma dependência que o jovem tem de uma moratória, no qual se utiliza para os estudos, formação, diversão, é um período para desfrutar antes que chegue a vida adulta. Essa moratória apresenta-se em dois eixos, a moratória vital e a moratória social, para Margulis e Urresti (1970), a moratória vital é um crédito que a juventude carrega por fazer parte dessa fase da vida, é a demora em chegar à velhice, de se arriscar, viver o perigo sem ter medo de morrer, viver inconsequentemente, é a sensação da imortalidade, ou melhor:

Para plantear de otro modo la crítica esbozada, podríamos pensar la relación entre facticidad (energía del cuerpo, moratoria vital, apertura de opciones, novedad del mundo, lejanía de la muerte) y estética (imagen, apariencia, signo) valiéndonos metafóricamente de la fórmula función-signo (MARGULIS; URRESTI, 1970, p.5).

Já a moratória social é um prazo concedido ao jovem para sua formação, é o espaço de tempo concedido para se preparar, é um investimento cultural, na qualificação nos estudos, em cursos, faculdade, na ida ao teatro, palestra, museus, cinema, antes que cheguem as responsabilidades da vida adulta, da entrada no mercado de trabalho. Entretanto, diante de uma sociedade desigual que é vivenciada por esses jovens entre ricos e pobres, essa moratória social fica restringida a somente uma classe social que pertence à elite econômica. As oportunidades do investimento cultural junto com o tempo livre ficam extintas, motivos que estão relacionados à entrada precoce no mercado de trabalho para o próprio sustento.

Contudo, a juventude é um momento de descoberta e da construção da afirmação da identidade para a fase adulta. Nesse período, o jovem paulatinamente cria autonomia para a inserção social. É a manifestação do novo e da independência, é o momento de se desprender da proteção e das escolhas dos pais, e experimentar e explorar suas próprias escolhas, decisões e elaboração de projetos de vida. Desta forma, a juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem, ela assume uma importância em si mesma. O jovem é protagonista de sua história de vida em determinado tempo e espaço.

Leccardi (2005) nos mostra que a concepção de tempo se debruça ao longo da história em duas vertentes: a de tempo cíclico e a de tempo linear. Para a primeira, o tempo é um infinito retorno de seqüências de ciclos repetíveis, sem que haja acontecimentos singulares como se fosse um círculo sem fim. Para segunda, o tempo se caracteriza como sendo retilíneo e de eventos irrepitíveis e irreversíveis. Nessa concepção os acontecimentos são unívocos e infinitos, seu fim apresenta uma finalidade. Portanto, concordando com a autora, entendemos que a concepção de tempo é uma dimensão sócio cultural que se transforma ao longo da história.

Fundamentada na concepção do tempo linear, a progressão de acontecimentos em direção ao futuro passa por projetos de vida que são direcionados pelas escolhas e decisões do presente.

Segundo a Etimologia (2015), a palavra projeto deriva-se do latim *projicere* que significa "lançar para diante", "antes de uma ação". O projeto, portanto, é um plano antes elaborado, sendo necessário ter clareza do que se almeja das metas e dos objetivos desejados.

É a partir dos valores adquiridos pelo sujeito ao longo de sua trajetória de vida que se torna clara a importância e o sentido das escolhas e decisões planejadas para o futuro, isto é, o projeto de vida passa a ter um sentido, o qual será regado pelas crenças e valores de quem o projeta.

Tais valores construídos pertencem à biografia de cada indivíduo. Segundo Velho (2004 apud ALVES; DAYRELL, 2015), o projeto de vida se relaciona com a construção da história de vida, é a diversidade de vivências pessoais do sujeito. Contudo, a história de vida concebe o sentido de *continuum*, de mudanças que passam de uma para outra de modo contínuo, associadas à ideia de tempo passado, presente e futuro as quais são históricas e sociológicas.

Na fase juvenil, o projeto de vida subsegue algumas indagações como: - O que fazer? Como fazer? Para onde ir? Qual é o meu lugar no mundo? Considerando, esse momento da vida uma etapa de amadurecimento das decisões e escolhas para a vida adulta.

O projeto de vida seria a oportunidade do sujeito, aqui definido como jovem, de poder escolher entre várias possibilidades de futuro possíveis. Para Dayrell:

O projeto de vida seria uma ação do indivíduo de escolher um, entre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de ser perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida (2012, p.02).

Dayrell (2012), ainda afirma que o projeto de vida não é linear, já predestinado. Decorre das possibilidades que advêm do contexto socioeconômico e cultural que os jovens estão inseridos, de onde vêm suas experiências de vida. Apesar do planejamento do projeto de vida ser individual, ele depende da realidade coletiva que o jovem pertence. Por mais que existam diversas possibilidades de se pensar no futuro, a realização se sujeita à condição social do jovem.

Quando os sujeitos reconhecem que as possibilidades não podem ser alcançadas tão facilmente, as recompensas projetadas são adiadas, passando cada vez mais a investir no futuro a longo prazo. Por outro lado, a sensação de viver a Juventude exige aproveitar o presente, de modo que o futuro não se torne tão prioritário, ou seja, segundo Leccardi (2005, p.37) "Quem a vivencia tende a apreciá-la mais por aquilo que pode oferecer no presente do que pelo tempo futuro que ela virtualmente descortina".

Como já foi dito anteriormente, o estágio da Juventude é o espaço e tempo de desenvolvimentos, é a construção da personalidade, de habilidades, de competências e de potencialidades que irão servir para a vida adulta, sobretudo, porque como destaca Peralva (1997 apud DAYRELL, 2013) na infância brinca-se, na juventude prepara-se, forma-se, e na idade adulta, trabalha-se. No entanto, nem todos os jovens podem desfrutar dessa transitoriedade como uma preparação para as responsabilidades da vida adulta, visto que as mesmas podem chegar antes mesmo que terminem o Ensino Médio. De acordo com Carrano (2013, p. 101):

[...] para jovens das classes populares as responsabilidades da “vida adulta”, especialmente a “pressão” para a entrada no mercado de trabalho, ou ainda a experiência da gravidez, de maternidade e de paternidade, chegam enquanto esses estão experimentando um tipo determinado de vivência do tempo de juventude.

Para os planejamentos da transitoriedade para a vida adulta ou projetos para o trabalho, continuação dos estudos, vida efetiva, lazer e entre outros, além de ser preciso ter segurança de si mesmo, no autoconhecimento, na clareza das aptidões, no que se deseja ser, é importante também entender as condições sociais, a realidade. Ou seja, o campo das possibilidades e a forma como as juventudes lidam com essa realidade, pois são os espaços de sobrevivências onde serão formulados e implementados os projetos, “o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo, formula-se dentro de um campo de possibilidades” (VELHO, 2004, p. 27 apud ALVES; DAYRELL, 2015, p. 380).

As juventudes são capazes de transformar e dar sentido e significado aos espaços frequentados, onde extrairão suas concepções de mundo. Portanto, os conhecimentos que podem ser adquiridos e trabalhados para a elaboração de projetos de vida dos jovens estudantes é um processo educativo. A escola como responsável pela formação cidadã é capaz de orientar e trabalhar no ensino-aprendizagem questões problematizadoras sobre a temática.

A relação entre Juventude e Práticas Escolares num processo de construção de Projetos de Vida

A Escola é uma instituição que está designada a formar os sujeitos para a sociedade, na qual abrange o mercado de trabalho, espaços públicos, sociais, e políticos. Quando nos referimos ao campo escolar, afirmamos que ele faz parte do processo da formação humana. Segundo Libâneo (1990) a Escola é uma instituição que age de forma consciente e intencional para instruir e ensinar com finalidades e objetivos, sua função é formar para alcançar as exigências sociais. O autor ainda afirma que a educação é um fenômeno social, a qual é integrante das dimensões políticas, culturais, econômicas e sociais, portanto, as práticas educativas são determinadas pelas exigências ideológicas da sociedade. Sendo assim, a sociedade espera da Escola um retorno que corresponda às suas demandas estruturais.

Contudo, essas dimensões e demandas sociais não são estáticas e lineares, mudam ao decorrer dos anos em seu contexto sócio-histórico. A Escola, no entanto, como papel de formadora e responsável pela democratização dos conhecimentos sociais, deve estar atenta a essas transformações e buscar em suas práticas ofertar uma educação que contemple esses aspectos da sociedade, onde os jovens também são agentes participativos.

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional LDBEN 9394/96 no art. 35, inciso III objetiva para o Ensino Médio, última etapa da escolarização da educação básica, “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. É indubitável que a escolarização básica é importante para a formação dos jovens estudantes, porém ao pesquisar sobre a relação da Escola com suas juventudes, nota-se uma contradição do papel e do objetivo da Escola em sua prática.

Para Kerbauy (2005), a Escola está preocupada em formar adultos produtivos. Verificamos, no entanto, que a Escola Pública está vinculada à competitividade, inerente ao sistema capitalista, de modo a questiona-se sobre o real objetivo da Escola e em particular do Ensino

Médio, se é formar meramente para o mercado da produção capitalista, ou se está preocupada em promover o desenvolvimento de habilidades, autonomia, criticidade, competências para os educandos lidarem com as diversas dimensões sociais.

Nos alerta Dayrell (2007) que a Escola e seus profissionais culpam a Juventude por ser individualista hedonista e irresponsável, já para os jovens a Escola não passa de uma obrigação para a certificação e a posse do diploma.

Dentro de um contexto de impasses entre a Escola e as juventudes, cria-se cada vez mais um ambiente desarmonioso e de insatisfação de ambos. Os jovens não encontram estímulos e significados para frequentar a escola. Para eles não há sentido, visto que existe um choque de cotidiano e inserção culturais, isto é, existem dois cotidianos e duas respectivas culturas que não dialogam entre si, a do jovem e a da instituição escolar. A Escola tem dificuldades de acompanhar aspectos culturais da juventude que é construída historicamente.

A escola é o espaço em que circulam não só os conhecimentos científicos, mas também os conhecimentos populares, que pertence a quem a frequenta. No Ensino Médio, são os jovens os seus principais frequentadores. Logo, temos que pensar a Escola considerando as juventudes.

Para estabelecer qualquer relacionamento com a juventude, segundo Carrano e Dayrell (2014), é preciso refletir sobre as múltiplas dimensões da condição juvenil, com ênfase nas culturas juvenis, na sociabilidade, no trabalho, na relação dos jovens com o tempo e o espaço, e a participação juvenil. Essas compreensões e aplicabilidade no cotidiano escolar são capazes de nortear e clarear o processo de elaboração de projetos de vida que faz parte do universo da juventude.

Como nos alerta Dayrell (2005, p. 37) um ensino voltado para a juventude é aquele “em que se consideram os processos educativos necessários para lidar com um corpo em transformação, com os afetos e sentimentos próprios dessa fase da vida e com as suas demandas de sociabilidade”. Todavia, a sociedade, lugar de exercer a cidadania é diversificada, é composta por diferentes espaços ideológicos, ela é construída por uma miscigenação que não são únicas e que vão se modificando com o passar dos anos.

A Escola como lugar de preparação para essa sociedade é capaz de entender e apreender que quem a frequenta vive parte dessa socialização todos os dias. Os alunos não mudam de mundo quando entram na escola. Pelo contrário, eles levam coisas do seu mundo para a escola. Damon (2003, apud KLEIN, ARANTES, 2016, p. 142) diz que “a escola deve mostrar aos estudantes a relevância dos estudos para as suas vidas e orientá-los sobre as possibilidades do que querem viver, de onde querem trabalhar ou de que vida pretende levar”.

As práticas escolares contextualizadas ao cotidiano de suas juventudes são capazes de despertar o interesse do aluno no processo de ensino-aprendizagem e efetivamente prepará-los para o que irão enfrentar em sua realidade. Para isso, é necessário mostrar e trabalhar o real dos aspectos sociais, sobretudo, em busca de fazer ser compreendida a situação atual da sociedade. É mostrar o campo das possibilidades e refletir sobre elas. Desta forma os jovens terão clareza das reais condições para projetar seus planos, de forma não alienada. De acordo com Dayrell:

Quanto mais o jovem conhece a realidade em que se insere, compreende o funcionamento da estrutura social com seus mecanismos de inclusão e exclusão e tem consciência dos limites e das possibilidades abertas pelo sistema na área em que queira atuar, maiores serão as suas possibilidades de elaborar e de implementar o seu projeto. As duas variáveis demandam espaços e tempos de experimentação e uma ação educativa que a possa orientar (2005, p. 03).

Sendo assim, a Escola tradicional não cabe mais em contextos atuais, pois ela está distante de ser interessante para quem a frequenta. Portanto, a prática escolar deve ser capaz de considerar as juventudes como agentes participativos dos espaços de transformações sociais da coletividade, sem perder de vista, que são eles que farão parte nas mudanças das futuras gerações. A instituição escolar tem um papel crucial na formação da identidade dos jovens-estudantes, sendo ela contribuinte num processo dialógico para fazer conhecer as estruturas externas e conhecer-se internamente para a elaboração de seus projetos de vida.

Percurso Metodológico

Com vista nos objetivos do presente trabalho para a realização da pesquisa faremos uso da abordagem qualitativa. A escolha pela pesquisa qualitativa se deu pelas exigências apresentadas na investigação, visto que os aspectos subjetivos e empíricos do sujeito e a relevância do seu contexto social, histórico e cultural são considerados durante a pesquisa. Como afirmam Minayo e Sanches (1993, p. 245), “o material primordial da investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala cotidiana, seja nas relações afetivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos”.

Seleção do campo da pesquisa e dos sujeitos

O campo da pesquisa é a Escola Estadual de Paulista, localizada no bairro de Torres Galvão na cidade do Paulista/Pernambuco, é a única que oferece o Ensino Médio na modalidade regular com os turnos diurno e noturno. A mesma possui o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) mais elevado da cidade, sendo ele 4,6. A escolha da escola se deu por essas características apresentadas, considerando-a referência para a cidade do Paulista.

Os sujeitos da pesquisa são 12 jovens matriculados do 3º ano do Ensino Médio sendo 6 do turno diurno e 6 do turno noturno, a escolha pelos sujeitos se deu uma vez que os mesmos estão no último ano da escolarização básica, em processo de construção e aplicação de projetos de vida.

Na discussão dos resultados da pesquisa utilizaremos em prol de preservar a identidades e identificar os 12 jovens investigados como: J1, J2, J3, J4, J5, J6, J7, J8, J9, J19, J11, e J12.

Instrumentos de coleta de dados

A coleta dos dados foi desenvolvida com aplicação de entrevistas semiestruturadas com os jovens investigados.

Através das entrevistas pretendemos captar as subjetividades dos sujeitos e sua participação durante o processo. De acordo com Trivinos (1987, p.143) a aplicação de entrevistas semiestruturadas “ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”.

Procedimento de análise dos dados

Para a análise dos dados, utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (1977), onde busca-se compreender os significados e interpretações das falas dos sujeitos.

A análise de conteúdos é um método empírico, pode ser uma análise dos significados, como na análise temática, é usada quando se quer ir além dos significados, partindo de uma leitura simples ao real. Pode ser aplicada em entrevistas ou depoimentos. Para Bardin (1977 apud SILVA; GOBBI; SIMÃO, 2005), a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens.

Conforme Bardin (2009), para a realização da análise de conteúdo se faz necessário uma organização e sistematização para que o método aconteça de forma coerente. Segundo ela segue-se as seguintes etapas: 1. A pré- análise; 2. A exploração do material; e, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação (2009, p.121). Seguimos esses princípios para obter uma interpretação das mensagens e dos enunciados de forma eficaz.

Dividimos a análise em dois eixos temáticos: Os projetos de vida da Juventude e a relação que estabelecem com a Escola e As práticas escolares e sua influencia na construção de projetos de vida da juventude. A justificativa para as temáticas é buscar alcançar os seguintes objetivos

específicos: Identificar quais os projetos de vida dos jovens; Apreender como os Jovens percebem a Escola Pública na construção de seus projetos de vida; Caracterizar quais as práticas escolares realizadas pela Escola influencia na construção dos projetos de vida dos jovens do Ensino Médio, além de aproxima-se mais do mundo juvenil, buscando compreender a relação que os jovens estabelecem entre a Escola Pública e a construção de seus Projetos de Vida.

Análise dos resultados

Os projetos de vida da Juventude e a relação que estabelecem com a Escola

Quando falamos sobre projeções da juventude, acreditamos que essas projeções não devem ser isoladas da situação atual da sociedade. Pensando nisso ao verificar através dos dados de nossa pesquisa que os projetos de vida dos jovens investigados são a “empregabilidade e a continuação dos estudos”, como vemos nas falas a seguir. Considerando isto, não podíamos deixar de trazer algumas informações sobre a situação social que estamos vivenciando.

J10-Criar um rumo pro mercado de trabalho, a qual eu posso me qualificar e daí eu possa construir um negócio próprio (jovem do turno noturno, 19 anos).

J3-Quando terminar o ensino médio eu pretendo fazer o vestibular para Administração (jovem do turno diurno, 17 anos).

A taxa de desocupação no Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no trimestre móvel encerrado em fevereiro de 2016, foi de 10,2%, ficando acima da taxa do trimestre móvel encerrado em novembro de 2015 (9,0%) e superando, também, a do mesmo trimestre do ano anterior (7,4%) (IBGE, 2016). Diante desse cenário os jovens são os mais afetados pelo problema do desemprego. De acordo com os dados do DIEESE (2015) referentes ao mês de abril de 2015, o índice de desemprego nacional entre os jovens de 16 aos 24 anos chegou a 31,7%, três vezes maior para a faixa etária entre 25 e 39 anos que foi de 11,7%. Diante desse fato, implica afirmar que só a certificação da educação básica não pode garantir o acesso ao mercado de trabalho, revelando que os projetos de vida desses jovens podem não seguir como planejados. De acordo com Sales e Vasconcelos (2016, p. 72):

O acesso a diferentes graus de escolaridade amplia as condições de empregabilidade. Porém, somente isso não garante emprego, pelo simples fato de que, na forma atual de desenvolvimento capitalista, não há empregos para todos. A ordem econômica atual assenta-se na exclusão. Portanto, boa parte daqueles/as que conseguem uma determinada formação ou atingem a idade para ingressar no mercado de trabalho fica excluída.

Por outro lado a busca pela qualificação e investimento cultural tem sido uma incessante preocupação dos jovens para a entrada do mercado de trabalho, o que para eles resulta numa estabilidade financeira. Porém, esse espaço social em que buscam está mais atrelado à sua independência financeira, ajudar a família, sustentar a própria família, realizar seus desejos. Contudo, como nos revelam Sales e Vasconcelos (2016):

Aparentemente há coerência na relação entre melhor qualificação e maior empregabilidade. Contudo, é incoerente desarticular as políticas de emprego e renda das políticas sociais. Os

discursos neoliberais propagam a ideia de que os jovens estão desempregados por falta de qualificação, ocultando a face perversa do mercado. (p. 72).

Já para Dayrell (2013) “Os jovens tendem a enfatizar projetos relacionados à continuidade dos estudos e ao trabalho, que se constituem de fato dimensões centrais da condição juvenil” (p. 70). Portanto, 10 dos 12 jovens entrevistados projetam entrar no mercado de trabalho logo quando terminarem a educação básica.

Outro aspecto destacado em nossa pesquisa é a importância da Escola para a construção dos projetos de vida de sua juventude. Verificamos motivos comuns nas falas dos entrevistados: exigência da escolaridade para o mercado de trabalho, na continuação dos estudos, na socialização de informações que o ambiente escolar proporciona (comunicação entre colegas e professores) e as oportunidades que a escola dispõe, que advêm de sua relação democrática com a comunidade que ajuda a direcionar os jovens.

J-8 Acho que é em questão de terminar uma fase e ficar pronto para trabalhar, ficar disponível. O mercado ele exige que a gente termine os estudos, então acho que é concluir isso para ir atrás de emprego (jovem do turno noturno, 19 anos).

J-2 A minha escola ela tem uma função não direta, foi através da minha escola que eu conheci o meu educador que foi lá na escola falar sobre o projeto que era áudio visual e foi a partir de lá que eu comecei a fazer o curso que to fazendo agora e me encantei pela área, porque até então eu tava meio perdida e sem saber o que ia fazer depois que eu terminar (jovem do turno diurno, 18 anos).

Destacamos nas falas citadas as incertezas dos jovens sobre o futuro no que pretendem ser e fazer. Apesar da conquista do emprego aparecer como uma certeza, verificamos que essa afirmação não está direcionada a uma profissão em um desejo previamente planejado. O mercado de trabalho é para eles uma consequência da certificação do ensino médio, em uma realidade não distante.

Já sobre a escola, observamos que a mesma não contribui de forma direta. As informações ou incentivos vem de fontes externas, as quais não são sistemáticas. Contudo, acreditamos que a escola precisa num primeiro momento reconhecer que a juventude está num processo de transitoriedade, num *vim a ser*. Concordamos com Dayrell e Carrano (2003), de que a escola perceber os jovens é enxergá-los em sua condição de transitoriedade, onde o jovem é um *vir a ser*, tendo na projeção do futuro a confirmação do sentido das suas ações no presente.

No entanto, essa importância dada à escola está diretamente ligada às vivências que os jovens estudantes participam no cotidiano escolar. Essas experiências adquiridas no ambiente escolar não é mérito da escola em si, pois os próprios jovens têm a capacidade de transformar os espaços físicos em espaços sociais dotados de simbologias e significados. Portanto, o espaço escolar é significado e ressignificado a todo tempo por quem a frequenta. De acordo com Dayrell:

Essas diferentes dimensões da condição juvenil são condicionadas pelo espaço onde são construídas, que passa a ter sentidos próprios, transformando-se em lugar, o espaço do *fluir da vida, do vivido*, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentidos próprios além de ser a ancoragem da memória, tanto individual quanto coletiva. Os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados (2013, p.66).

Todos os jovens estudantes afirmaram que o que eles vivenciam na escola os ajuda na construção de seus projetos de vida. As experiências consideradas importantes são: a comunicação entre as pessoas no cotidiano escolar e os professores como referência, que fazem

com que os estudantes se espelhem neles. A escola também é o lugar da socialização juvenil, onde são compartilhados conhecimentos, experiências, culturas e construção de novas amizades.

J1-Ajuda em questão de comunicação com outras pessoas, informações diferentes, e até pessoas que vivem momentos diferentes de outros jeitos, que a gente vai aprendendo e eu acho que vou utilizar isso mais na frente. E acho que eu observo isso dos alunos e familiares dos alunos, até dos próprios professores, porque assim, com exemplos que eles dão o que eles fizeram na vida deles eu posso observar o que mais ou menos eu vou fazer e o que vai acontecer comigo mais na frente, assim um exemplo de estudos, de outras oportunidades que se eu tiver para me qualificar mais e mais na frente eu sei que vou ter um emprego melhor, eu acho que é mais ou menos isso aí (jovem do turno noturno, 20 anos).

Segundo Elias, “É por intermédio das modificações comportamentais da área afetiva que a escola pode contribuir para a fixação dos valores e dos ideais que a justificam como instituição social.” (1996, p.99). Diante disso, se faz necessário que a escola estabeleça uma relação de diálogo com sua juventude e consigo mesma, capaz de modificar seus comportamentos em prol de construir um ambiente que tenha sentido para quem a frequenta.

Constatamos que os jovens estudantes estabelecem relação entre a escola e a construção de seus projetos de vida, contudo, averiguamos que a escola é necessária para algo posterior, pois eles acreditam que os conhecimentos e aprendizagens adquiridos nela vão ser aplicados no futuro.

J2-Eu relaciono tudo, eu acho que a gente é tudo o que a gente aprende aqui na escola, é o que vai guiar a gente futuramente, é o que vai construir a gente, os valores a personalidade, tudo, acho que tá muito atrelado isso, mais atrelado do que as pessoas pensam, tipo e o futuro não precisa nem ser daqui a dez anos, ou quando entrar na faculdade, a partir do momento que a aula acaba já é o futuro sabe, e se isso já tem alguma diferença na minha vida já é muito (jovem do turno diurno, 18 anos).

J4-Sempre buscar aprender mais afim de no futuro utilizar o que eu aprendo hoje na escola na prática, porque nós vivemos uma teoria na sala de aula, mas no mercado de trabalho é a prática, conseguir levar isso para prática no mercado de trabalho futuramente. (Jovem do turno diurno, 17 anos).

A relação temporal entre a escola e o futuro é uma relação institucionalizada, de maneira que a escola prepara para algo posterior, que virá logo quando a educação básica terminar. Segundo Pais (2006, apud, SALES; VASCONCELOS, 2016, p.71), “o futuro é o tempo que parece legitimar a razão de ser do sistema de ensino esta é a crença generalizada, ao predicar-se que ele permite a [...] formação dos futuros homens do amanhã”. É, portanto, a preparação para o trabalho, para a vida em sociedade, para a continuidade dos estudos. Logo, essa concepção de algo que está por vim isenta as preocupações dos jovens de pensar o seu futuro no presente, onde é marcado por incertezas e dúvidas.

J11-Se eu falar que nunca pensei nisso, eu nunca pensei nisso porque eu acho que o jovem tem esse negócio de não se portar tanto com o futuro até acabarem os estudos, enquanto ele estiver estudando ele não se preocupa, pensa que estudar é sua única obrigação, aí nunca pensei nisso não. (Jovem do turno diurno, 17 anos).

Portanto, a função da escola como formadora de cidadãos autônomos é responsável por incentivá-los a serem autores de sua própria história. Quando falamos em autonomia,

estabelecemos relações com todas as dimensões que integra o sujeito social, incluindo seus projetos de vida. Ou seja, a escola não deve ser vista apenas como garantia para a entrada do mercado de trabalho e para algo no futuro, mas garantir que seus valores e aprendizagens sejam para o enriquecimento de sua clientela no presente.

As práticas escolares e sua influência na construção de projetos de vida da juventude

A escola está presente na vida dos jovens durante sua infância e adolescência. Ela é responsável por promover aprendizagens de conhecimentos históricos e sociais que são elaborados, selecionados, organizados e considerados necessários para o exercício da cidadania. Entretanto, a escola não é neutra e possui uma intencionalidade na vida de seus estudantes. Isto é, “a escola, como construção histórico-cultural e político-econômica, está longe de ser uma esfera neutra no processo formativo da juventude” (SANTOS, NASCIMENTO, MENEZES, 2012, p. 291). Suas práticas, atividades, projetos, programas, ações, atitudes, e tantas outras que o ambiente escolar é capaz de oferecer exercem uma função nas decisões de suas juventudes.

Sobre as práticas escolares identificadas que contribuem para a construção dos projetos de vida dos estudantes, constatamos a partir das entrevistas que são aquelas relacionadas à feira de ciências, teatro, gincanas, e algumas disciplinas (Português, Matemática, História e Biologia).

J9-De atividades assim foram poucas coisas como, por exemplo, apresentações de peças, feira de ciência, eu acho que o que ela me ajuda no meu projeto de vida sobre isso é mais como se comportar sobre aquele momento ali, respeitar, essas coisas, eu acho que é isso (Jovem do turno diurno, 17 anos).

J6- A feira de ciências é um bom fator que influencia, porque a partir da feira de ciências eu tenho um acesso a outras informações em relação aos outros alunos que apresentam e na minha apresentação de construir o meu próprio trabalho, que isso é a minha visão do que eu quero pro meu futuro. (jovem do turno noturno, 20 anos).

Essas práticas são destacadas de forma positiva, pois nelas é depositadas a credibilidade onde os estudantes acreditam que irão aplicar as aprendizagens fora da escola. Ou seja, os jovens tendem a dar importância e apostar naquilo que faz/tem sentidos e significados para sua vida. Eles acreditam que essas práticas os ajudarão a ter autonomia e conhecimento de como se comportar em outros ambientes. Segundo Santos; Nascimento; Menezes (2012, p. 291) “A escola tem assim diversos sentidos para os jovens pobres: lugar de lazer, ambiente onde várias atividades podem ser feitas, lugar da obrigação e lugar da “salvação” ou meio de ascensão social, esperança de futuro melhor”.

No entanto, nas falas dos doze jovens constatamos que a escola não promove além dessas citadas, atividades diversificadas que podem contribuir para a construção de seus projetos. Dez dos doze entrevistados não participam de grupos que a escola criou para a sua juventude, os dois que afirmaram participar de algum grupo como, por exemplo, o teatro e o intervalo bíblico, foram criados pelos próprios alunos.

Novamente é enfatizada a atribuição da importância para a troca de conhecimentos e comunicação. Os jovens-alunos conhecem bem a sua escola, seu funcionamento, suas regras, suas limitações, seus espaços, o que pode ser aproveitado ou não. Para eles a escola é o lugar que deve valorizar práticas inovadoras e interessantes, que interajam com a comunidade escolar, que ocupem o espaço escolar com a participação juvenil.

Sobre as disciplinas estudadas na escola que contribuem na construção de projetos de vida dos estudantes verificamos que Português e Matemática são as mais citadas, o que nos permite concluir que as demais disciplinas só são destacadas quando os jovens estudantes estabelecem alguma relação com os seus interesses para o futuro, como podemos ver através das falas:

J7-É contribui Português eu acho que é mais utilizada, as disciplinas que eu vou mais utilizar durante a minha vida vai ser Português e

Matemática. E eu que pretendo estudar Biologia eu acho que Biologia, Ciências (Jovem do turno diurno, 17 anos).

J2-Eu acho que a base, a base mínima, Português e Matemática, eu acho que as outras coisas não influenciam muito não, não, influencia sim, porque História fala muito de coisas antigas, de quadro tem tudo muito haver com o meu curso, o conhecimento me ajuda (Jovem do turno diurno, 18 anos).

Enfatizando o que foi posto anteriormente sobre as disciplinas, como elas contribuem para a construção de projetos de vida da juventude, ressaltamos que essas contribuições estão atreladas às atividades profissionais que os jovens acham que poderão vir a exercer futuramente. Ou seja, as considerações adquiridas para os conteúdos ensinados na escola são relevantes para algo fora da escola, como o mercado de trabalho, que é o mais destacado.

J2-Pronto, Português mesmo, dependendo de como eu for elaborar um texto para algum cliente que eu for enviar, já vai ter a base, porque eu vou ta sabendo como escrever, como me impor digitando e falando com a pessoa, e Matemática já é a questão financeira, de como eu vou ta administrando a parte das minhas finanças (Jovem do turno diurno, 18 anos).

J12-Quando eu sei ler algum texto e sei interpretar, isso vai me dar uma orientação do que eu quero fazer do futuro, se eu sei contar alguma coisa, do que eu posso ganhar do que posso perder uma porcentagem, um lucro, isso vai me auxiliar e muito e também eu posso falar das outras disciplinas que interagem entre si, toda pessoa precisa de conhecimento para poder definir o que quer da vida (Jovem do turno noturno, 20 anos).

Diante disso, a presença do professor é considerada importante para as decisões e definições do que os estudantes pretendem, desejam e planejam para o futuro, já que os professores são referências para essas decisões.

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.73).

Nesse contexto, a maneira como o professor se representa e atua dentro de sala de aula é fundamental. A pesquisa revelou que seis dos entrevistados afirmaram que os professores contribuem na construção de seus projetos de vida, na mesma medida que seis afirmam que não contribuem.

J4-Eu acho que de nenhuma forma, porque eu não conto meus projetos de vida pros professores, acho que nenhum deles sabe do meu projeto de vida, acho que eles ensinam de uma forma indireta não direta, porque eles não sabem, na forma indireta que eu digo é passando os conhecimentos deles, não só pra mim, mas pra minha turma (Jovem do turno diurno, 17 anos).

J5-Através de experiências que eles relatam em sala de aula, isso é muito bom, eles dão exemplos do que eles já passaram isso ai abre a visão do aluno acerca do mercado de trabalho, da realidade (Jovem do turno noturno, 22 anos).

Para concluir nossa pesquisa indagamos aos jovens estudantes o que falta na escola que poderia os ajudar a construir seu projeto de vida, os 12 jovens afirmaram que deveria ter atividades ou cursos que pudessem os ajudar na escolha de suas profissões, onde também pudessem desenvolver competências e superar algumas dificuldades que acreditam que são importantes para o mercado de trabalho e para a vida. Vejamos o que eles afirmaram:

J6-Assim, eu acho que o que falta seria mais atenção com todos os alunos, por aqueles que têm uma dificuldade a mais, porque cada aluno tem uma dificuldade em algo, têm uns que são mais tímidos outros são mais desenrolados, outros são bons em Matemática, outros são ruins, então eu acho que seria uma atenção a mais, em questão disso, por eu ser uma pessoa tímida, isso eu deveria ser ajudado na escola, não quando eu saísse de lá, então eu acho que deveria visualizar mais isso de cada aluno, de cada dificuldade de cada um, que eu acho que ajudaria pro futuro de cada um. Eu acho que deveria ter mais debates em sala de aula, eu acho que essa parte assim, do professor sentar, não chegar e falar gente o assunto é isso e pronto, vai ter a prova tal e falar só isso e dar aquele assunto sem saber a dificuldade de cada um, se todos aprenderam ou não, eu acho que deveria sentar e debater, ter aulas mais práticas, porque eu acho que também ajuda a algumas pessoas, então eu acho que é mais essa parte de debate mesmo de sentar com cada um, sobre a dificuldade de cada um (Jovem do turno noturno, 20 anos).

Os jovens não excluem suas experiências e aprendizagens que adquirem na escola, como também não deixam de reconhecer sua importância para as suas vidas. Entretanto, o que é revelado é o desejo de transformar e ressignificar o espaço escolar, de modo que possa atender às suas perspectivas de projetos de vida. De acordo com Santos, Nascimento, Menezes (2012, p. 299), os jovens:

[...] consideram a escola um suporte para enfrentar os embates e obstáculos da vida e do mundo do trabalho, e nela depositam confiança, expectativas, sonhos e esperanças, com relação à execução de seus projetos de vida.

No entanto, para Corti (2014) “a escola prende-se a um discurso normativo sobre o que o aluno deve ser e fazer, sem interrogar o que efetivamente o aluno é e faz, e por quê” (p.326). Nossa proposta é incentivar que a comunidade escolar inicie a pesquisa sobre suas juventudes, de modo a compreendê-la e buscar entender o que faz sentido para elas.

Considerações finais

O estudo em questão continua a afirmar uma realidade vivenciada pela Escola Pública que não é recente no Brasil e em particular em Pernambuco. Os contextos históricos, culturais e sociais mudam com o passar dos anos, mas a escola parece-nos que insiste em permanecer estática. Mantém as mesmas atividades antigas e as mesmas preocupações.

No entanto, a Escola contribui para a construção de projetos de vida de sua juventude. A escolarização do ensino médio representa uma etapa obrigatória na qual os jovens têm que passar para alcançar algo posterior. Porém, os jovens estudantes atribuem sentidos e importância a Escola para o futuro, mas não destaca sua relevância para o momento presente, diante disso, concordamos com a colocação de Dayrell (2007) quando pergunta em que medida a escola faz as juventudes? Já que sua participação enquanto a condição juvenil tem favorecido para um ambiente de incertezas e indefinições. Sendo assim, a Escola pouco tem orientado seus jovens estudantes para a construção de seus projetos de vida, do que querem e pretendem ser.

A relação que os jovens estabelecem entre a escola e a construção de seus Projetos de Vida reduz-se, muitas vezes, à certificação, fundamental para a inserção no mercado de trabalho e/ou para continuação dos estudos.

As práticas escolares que influenciam na construção de seus projetos são as que estão relacionadas com as vivências no cotidiano escolar, como: socialização, comunicação, informações, e conhecimentos específicos de algumas disciplinas, em que eles acreditam que irão aplicar em algum momento de suas vidas. Ou seja, para os jovens entrevistados é mais significativo para suas vidas compartilhar momentos e experiências, estabelecendo uma comunicação interpessoal com o professor ou com seus colegas, ao invés dos conteúdos das aulas. Apenas as disciplinas de Português e Matemática são as únicas que aparecem como fundamental para seus projetos.

As vivências na Escola as quais estão diretamente ligadas às práticas que ela promove como a feira de ciências e gincanas revelam que os estudantes preferem atividades mais dinâmicas e contextualizadas, aprendizagens que acreditam que irão utilizar na concretização de seus projetos de vida.

Os jovens estudantes desejam ter em sua Escola atividades que os ajudem na escolha e definição de suas profissões, que trabalhem suas dificuldades, que desenvolva suas competências e habilidades para um mundo fora da escola. A escola ideal almejada por esses jovens estudantes não é impossível de ser alcançada, as suas exigências são simples comparadas as reais exigências para uma educação de qualidade, como por exemplo: materiais didáticos, materiais tecnológicos, espaço físico, professores qualificados, condições e recursos necessários.

A construção de um bom relacionamento entre os jovens estudantes com a Escola deve começar a ser vista como um processo dialógico, e não apenas como regras e deveres a cumprir. Acreditamos que ouvir a voz da juventude é o início para o exercício dialógico. Os jovens passam na Escola boa parte do seu dia e tem muito a contribuir e aprender.

Referências Bibliográficas

ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 2, p. 375-390, 2015.

BRASIL. Secretária Nacional da Juventude. Disponível em: <http://juventude.gov.br/>. Acesso em: 18 Nov. 2015.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência. **HABITAR A ESCOLA E AS SUAS MARGENS**, 2009.

DOS DEPUTADOS, Brasil Câmara. Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. In: **Legislação**. Centro de Documentação e Informação, 2010.

CORTI, Ana Paula. Ser aluno: um olhar sobre a construção social desse ofício. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; Maia, Carla Linhares (Org). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.p. 309-332.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; Maia, Carla Linhares (Org). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.p. 101-133.

DAYRELL, Juarez. A juventude e suas escolhas: as relações entre projeto de vida e escola. **HABITAR A ESCOLA E AS SUAS MARGENS**, 2013.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo César. Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. **Revista Jóvenes del Centro de Investigaciones y Estudios sobre Juventud. México: CIEJUVIMJ**, 2003.

DAYRELL, Juarez. POR UMA PEDAGOGIA DA JUVENTUDE. **Revista Onda Jovem**. p. 3-37, Março/Junho, 2005.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente. **São Paulo: Paz e Terra**, 1996.

GARCIA, Elisete Enir Bernardi; CORSETTI, Berenice. A juventude no espaço-tempo da escola: um desafio para a gestão escolar. 2005. In: VIVIAN, Rute; BAQUERO, Ângelo (Org). **Agenda jovem: o jovem na agenda**. Unijuí, p.312, 2008.

IBGE. Síntese de Indicadores Sociais – 2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2015/SIS_2016.pdf>. Acesso em 04 Mai. 2016.

KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Políticas de juventude: políticas públicas ou políticas governamentais?. **Estudos de Sociologia**, v. 10, n. 18, 2007.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro. **Tempo Social. Revista de sociologia da USP**, n. 2, p. 35-57, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **DIDÁTICA**. São Paulo: Cortez.1990.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**; **Error! Marcador no definido**. Buenos Aires, 1970.

MINAYO, M. C. De S.O **desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo, 1996, p.269.

ETIMOLOGIA, Origem da Palavra. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/site/pergunta/pergunta-982/>. Acesso em 01 de Jan, 2016.

KLEIN, Ana Maria; ARANTES, Valeria Amorim. Projetos de Vida de Jovens Estudantes do Ensino Médio e a Escola. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 1.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude—alguns contributos. **Análise social**, p. 139-165, 1990.

SALES, Celecina Veras; VASCONCELOS, Maria Aurilene de Deus Moreira. Ensino Médio Integrado e Juventudes: desafios e projetos de futuro. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 1.

SANTOS, R. M., NASCIMENTO, M. A. & MENEZES, J. DE A. **Os sentidos da escola pública para jovens pobres da cidade do Recife**. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. 10 (1), pp. 289-300. 2012.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatris Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 7, n. 1, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. O positivismo; a fenomenologia; o marxismo. In: **Introdução à**

pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. O positivismo; a fenomenologia; o marxismo. Atlas, 2015.